

**O DILEMA DE CLIO:
UMA LEITURA PARATEXTUAL DO ROMANCE HISTÓRICO
HERCULANIANO ¹**

Manuel J. G. Carvalho
Universidade de Aveiro,
Departamento de Línguas e Culturas (investigador)
Portugal
mjgcarvalho@gmail.com

Le paratexte est donc pour nous ce par quoi un texte se fait livre et se propose comme tel à ses lecteurs [...]. Plus que d'une limite ou d'une frontière étanche, il s'agit ici d'un seuil, ou — mot de Borges à propos d'une préface — d'un "vestibule" qui offre à tout un chacun la possibilité d'entrer, ou de rebrousser chemin. Gérard Genette (1987: 7-8) ²

Sinopse

Pretende-se, neste estudo, analisar o pensamento historiográfico de Alexandre Herculano, a partir dos paratextos com que o escritor enriqueceu a sua obra de ficção. Com esta análise pretende-se mostrar como o historiador Alexandre Herculano pensava a história, como sentia as limitações impostas pelo paradigma científico que, na sua época, dominava ou pretendia dominar todas as áreas do saber, e como se viu forçado a recorrer

¹ As edições da obra de Alexandre Herculano, utilizadas para a elaboração deste estudo, constam da respectiva bibliografia, tendo havido o cuidado de utilizar edições críticas e anotadas. Porque muitas dessas obras foram editadas sem data, optámos por citá-las através do respectivo título.

² Depreende-se desta epígrafe o que são, para Genette, os paratextos. Desde logo *tudo* o que rodeia e veste o texto, tudo o que envolve o miolo do livro: títulos, subtítulos, dedicatórias, prefácios, advertências, introduções, títulos dos capítulos, epígrafes, notas, posfácios, gravuras, etc., qualquer que seja o destinador ou o destinatário. Com o objectivo de facilitar a leitura deste estudo, nomeadamente a quem desconheça a obra de Genette, iremos traduzindo, em notas de rodapé, os conceitos operatórios utilizados.

ao romance histórico para, juntando-o à história, produzir a síntese do homem global que perseguia.

Palavras-chave: Alexandre Herculano; Romantismo; História; Romance histórico; Teoria da História; Paratexto

Abstract

The goal of this study is to analyse the historiography thought of Alexandre Herculano, based upon the paratexts with which the writer has enriched his fictional work. The purpose of this analysis is to show how Alexandre Herculano viewed History, within the constraints imposed by the scientific paradigm of his time, which dominated or intended to dominate all areas of knowledge and also how he saw himself forced to make use of the historical fiction in order to, joining it to history, produce the synthesis of a global mankind which he pursued.

Key Words: Alexandre Herculano; Romanticism; History; Historical fiction; Theory of history; Paratext

Introdução

Pretendemos, com este trabalho, encontrar e explicar a trama e o urdume que, em Alexandre Herculano, entreteceu a ficção na história, partindo da profusão de paratextos com que o autor do *Eurico* arroupou os seus romances históricos. O tear pedimo-lo emprestado a Gérard Genette¹, e corresponde, essencialmente, aos seus *Seuils* (Genette,

¹ Director de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, autor de *Figures I* (1966), *Figures II* (1969), *Figures III* (1972), *Mimologiques* (1976), *Introduction à l'architexte* (1979), *Palimpsestes* (1982), *Seuils* (1987), *Fiction et diction* (1991), "teórico das formas literárias", como lhe chama Christian Descamps (Gérard Genette et le grand jeu de la littérature. *Le Monde Dimanche*, 5/6/1983), ou o "infatigável leitor, teórico desenganado e irónico" que tem sido, nos últimos trinta anos, o barqueiro que assegura a ligação entre as duas margens do rio que separa a crítica tradicional "(histórica,

1987), título que, na esteira dos *Palimpsestes*², acrescentou horizontes inéditos à hermenêutica literária.

As novidades carreadas pela época de Herculano, as procelas políticas e sociais, o conflito entre liberalismo e ultramontanismo, como também a estreiteza dos grêmios literários portugueses, estarão por detrás destes paratextos, muitos deles verdadeiros manifestos de erudição e competência científica, do autodidacta que não receia o confronto e a concorrência universitária. Bastará atentarmos nas epígrafes alógrafas³ que encabeçam os capítulos dos seus romances, recolhidas nas obras e arquivos que compulsava e consultava, para descobrirmos a sageza da escolha, a qualidade e diversidade das fontes e das colectâneas documentais utilizadas pelo historiador. Esta moda romântica de epigrafar, introduzida por Walter Scott que, no entanto, como ele próprio o afirma, cita frequentemente de memória ou inventa (Genette, 1987: 136), tem em Herculano uma função clara e visível: as suas epígrafes são peritextos⁴ de força elocutória⁵, intencionais, são "por si só um sinal (que se quer indício) de cultura, um santo-e-senha da intelectualidade" (idem: 148-149) do historiador.

Para o presente estudo, definidos que foram os respectivos parâmetros, patentes na escolha do título, iremos privilegiar a análise dos peritextos referidos à problemática do pensamento historiográfico de Alexandre Herculano, às limitações sentidas pelo historiador no paradigma científico com que opera, e ao papel da ficção na realização

erudita, temática, biográfica)" da "crítica nova (estrutural, textual, formalista, poética)", nas palavras de Michel Contat (*Les palimpsestes de la littérature. Le Monde des Livres*, 11/6/1982).

² Genette, Gérard. *Palimpsestes: La littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

³ Na sua sistematização, Genette classifica os paratextos em vários campos: quanto aos caracteres de *lugar*, de *tempo*, de *substância*, de *regime pragmático* e de *aspecto funcional*. Uma das características que define o estatuto pragmático é a natureza do *destinador* que tanto pode ser o autor (*paratexto autorial*), como o editor (*paratexto editorial*), como uma terceira pessoa (*paratexto alógrafo*). As epígrafes dos romances históricos de Herculano, presentes principalmente no *Eurico* e n' *O Monge de Cister*, são retiradas de várias obras de outros autores, daí constituírem paratextos alógrafos (Genette, 1987: 10-19).

⁴ Considerando "o lugar que ocupam", um dos campos da taxinomia genettiana, os *paratextos* dividem-se em *peritextos* e *epitextos*. Os primeiros envolvem o texto, vestem o texto dentro do livro e correspondem aos exemplos apontados na nota 2, supra; os segundos referem-se ao livro, mas constituem mensagens exteriores, sejam elas entrevistas, correspondência, diários, etc. (Genette, 1987: 136).

⁵ A força elocutória de um paratexto identifica-se com a transmissão de uma informação, uma intenção ou uma interpretação, quer do autor, quer do editor.

pessoal do autor, já que, pensamos nós, é no casamento da ficção com a história que Herculano engendra a síntese do homem global que persegue.

Herculano e Nova Arte Literária

Não foi Clio quem primeiro entreabriu o postigo criativo do sentir de Alexandre Herculano. Antecipou-se-lhe Erato, segredando-lhe as doridas apóstrofes anti-setembristas, n'*A Voz do Profeta*⁶, ou os acordes do deísmo cristão n'*A Harpa do Crente*⁷. A inspiração surpreendeu-o nas angústias dos nevoeiros cinzentos da malquistada Inglaterra, depois nas auroras francesas de Lamennais, Victor Hugo e Chateaubriand, autores ressorvidos nas salas de leitura das bibliotecas de Rennes e Paris⁸, mas também quando sulcava a turbulência do mar da Biscaia, rumo aos Açores, ou ainda no

⁶ Este título e o seguinte, *A Harpa do Crente*, são *hipertextos* de *Les Paroles d' un Croyant*, de Lamennais (1834), *hipotexto* que lhe serviu de inspiração não só nos títulos como ainda na forma e estilo destes dois livros de poesia. Herculano publicou *A Voz do Profeta* e *A Harpa do Crente*, respectivamente, em 1836 (1.ª série)-1837 (2.ª série) e 1838; Em 1836, António Feliciano de Castilho apresentava a sua tradução de Lamennais, o texto inspirador de Herculano, precedida de um prefácio datado de 4 de Outubro de 1835: *Palavras de um Crente escriptas em francez pelo Senhor Padre La Mennais e vertidas em vulgar por António Feliciano de Castilho*, Lisboa, 1836, na typografia de A. I. S. de Bulhões, Calçada de Santa Anna, n.º 110.

Em *Les Paroles d' un Croyant*, nos versículos da *Parole XXXII* ou *XXXIII*, conforme as versões consideradas, Lamennais refere-se aos tumultos que vinham afligindo a sociedade portuguesa. Ver: Pageaux, Daniel-Henri. "Lamennais en Péninsule Ibérique: Notes sur la diffusion des idées mennaisiennes en Espagne et au Portugal (1834-1840)". *Utopie et Socialisme au Portugal au XIX^e siècle: Actes du Colloque, Paris, 10-13 Janvier 1979*. J. C. Seabra Pereira [et al.]. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1982. p. 121.

Sobre os conceitos que introduzem esta nota, ver os *Palimpsestes* de Genette, obra em que o autor defende que a Poética, o estudo da estrutura e do funcionamento do discurso literário, tem por objecto a *transtextualidade*, definida como tudo o que põe um texto em relação, manifesta ou oculta, com outro texto. À relação que une dois textos chama-lhe *hipertextualidade*, enquanto denomina *hipertexto* o texto inspirado e *hipotexto* o texto inspirador, o texto que está escondido. É a isto que Genette chama "literatura em segundo grau" (ver subtítulo de *Palimpsestes* em nota 4, supra).

⁷ Publicado em 1838. Ver supra, nota anterior.

⁸ Cruzando a Mancha, "de Jersey a Grandville", e aproximando-se das costas "da França o coração não bate violento, nem se derramam lágrimas, como ao avistar a terra em que nascemos; mas o ânimo desafoga-se e abre-se à esperança: vamos tratar homens que nunca vimos, mas com quem de longo tempo vivemos pelas íntimas relações dos afectos e da inteligência. [...Porque] lá está o centro das ideias que hoje agitam os espíritos, tanto no que respeita às questões sociais, como no que interessa à ciência e à literatura; porque lá vivem os escritores que melhor conhecemos: que até amamos como se foram nossos". (Herculano, 1973: 6).

desaconchego luarento de qualquer recanto, entre a arma, o bernal e o cansaço, nas trincheiras do cerco do Porto.

A formação literária de Herculano crescera no convívio da tebaida do Morgado de Assentis e, sobretudo, nos ágapes da Marquesa de Alorna que, "*como Madame de Staël, [...] fazia voltar a atenção da mocidade para a Arte da Alemanha*"⁹. No Monte Ménalo arcádico ou nas leituras do exílio francês, o futuro historiador terá conhecido a obra dos irmãos Schlegel¹⁰, os animadores da escola romântica de Iena, cuja obra era, por então, traduzida em várias línguas europeias.

Foi no Porto que Herculano se fez escritor, enveredando por um caminho que, em Portugal, raramente fora palmilhado. De alma e coração com as recém-chegadas correntes românticas, sopradas de França e da Alemanha, Alexandre Herculano pretende, antes de mais, fundar teoricamente as novas gangas literárias, com as quais a sua alma liberal e o seu profundo individualismo se identificavam, e, no quadro das preocupações didáticas que o acompanharão até ao fim da sua existência, divulgar as novas ideias ao público interessado.

⁹ Alexandre Herculano, noticiando no *Panorama*, em 1844, a publicação das *Obras Poéticas* de Alcipe, criptónimo árcaico da Marquesa de Alorna.

¹⁰ August-Wilhelm Schlegel (1767-1845) e Friedrich Schlegel (1772-1829), poetas e críticos alemães, traçaram os princípios da escola romântica de Iena. O primeiro publicou, em 1804, uma tradução de líricas italianas, espanholas e portuguesas — *Blumensträuße italienischer, spanischer und portugiesischer Poesie* —, obra em que inclui alguma lírica de Camões, autor que, para ele, "só por si, vale uma literatura inteira" (Saraiva; Lopes, 1996. 312); em 1807, publicou, em França, o ensaio *Comparaison entre la Phèdre de Racine et celle d' Euripide*, em que criticou o classicismo francês à luz dos princípios da escola romântica; em 1808 proferiu várias conferências sobre arte dramática e literatura, publicadas sob o título *Über dramatische Kunst und Literatur* (1809-1811) e traduzidas em várias nações europeias, nomeadamente em França, país que visitou em 1804, acompanhado de Madame de Staël. O irmão Frederico publicara em 1797 *Die Griechen und Römer (Os Gregos e os Romanos)* e, no ano seguinte, a obra *Geschichte der Poesie der Griechen und Römer (História da Poesia dos Gregos e dos Romanos)*. Em 1804 sairá a colectânea de poetas românticos da Idade Média — *Sammlung romantischer Dichtern des Mittelalters* — e, em 1811, publica as suas *Vorlesungen über die neuere Geschichte (Reflexões sobre a nova história)*. O individualismo e antropocentrismo romântico dos irmãos Schlegel reviam-se no helenismo, bem patente na temática dos seus primeiros livros e no título escolhido para a revista que divulgará, em Iena, os princípios da nova escola: *Athenäum* (1798-1810). Foi nesta revista e, já antes, no periódico *Lyceum* (títulos que são, manifestamente, hipertextos helenistas, o primeiro a lembrar o ginásio ateniense dedicado a Apolo Liceios, escola em que pontificou Aristóteles; o segundo a recordar o Athenaion, o antigo santuário da deusa Atena, transformado, sob Adriano, em academia para o culto da poesia e da eloquência), que Frederico Schlegel publicou uma parte importante dos seus estudos teóricos e filosóficos sobre poesia e literatura em geral: são os seus *Fragmenten (Fragmentos, 1797-1798)*, as *Ideen (Ideias, 1800)* e o *Gespräch über die Poesie (Diálogo sobre a poesia, 1800)*.

Durante este período, a época do poeta-soldado, quando estanciava no Porto, entre o desembarque no Mindelo e a Revolução de Setembro de 1836, Herculano esteve bastante ligado à influência dos irmãos Schlegel, influência que repassa nos artigos publicados no *Repositório Literário* (1834-1835), como mais tarde, já em Lisboa, n' *O Panorama*¹¹, revista onde publicou, entre 1837 e 1840, vários estudos sobre teatro medieval e folclore, alguns deles constituindo relatórios sobre peças apresentadas ao Conservatório e, por isso mesmo, representando a participação do escritor¹², ao lado de Garrett, na reforma do teatro português.

Frederico Schlegel trouxe para a literatura o princípio fichtiano do infinito, da infinitude do *eu*, da sua absoluta liberdade, pois dele derivavam não só o sujeito, como também o objecto do conhecimento. Este *eu* absoluto, criador e infinito, realizava-se, para Schlegel, na poesia romântica, verdadeira expressão dessa liberdade, porque "o arbítrio do poeta não suporta lei alguma", ou não fosse ele o mediador entre o homem e o infinito, o homem que, como ensinava Fichte, ascendeu ao conhecimento de si para além do que existe fora dele, o homem que apenas necessita de si próprio para justificar a moral e a religião, pelo que,

*Mediador é aquele que exorta em si o divino, sacrificando-se e apagando-se para anunciar esse mesmo divino, para o participar e representar a todos os homens por meio dos costumes e das acções, com palavras e com obras. Se este impulso não existe, então é porque o que foi exaltado não era divino ou não era particularmente forte. Ser mediador entre o humano e o divino é tudo quanto de mais superior pode haver no homem; e todo o artista é mediador entre o divino e todos os outros homens*¹³.

¹¹ Herculano chega a lamentar que Garrett minimize o contributo dos românticos alemães (Seabra, 1994b: 144-145; vd. tb. Saraiva; Lopes, 1996: 665 e 719).

¹² Alexandre Herculano poderá ter lido o *Cours de littérature dramatique*, de August-Wilhelm Schlegel, em 3 volumes, tradução de Madame Necker de Saussure, publicada em França em 1814, por onde repassa a teorização romântica dos irmãos Schlegel; o mesmo terá acontecido em relação ao "Preface" de Victor Hugo ao seu *Cromwell*, publicado em 1827, peça que igualmente teoriza o romantismo, profetizando que "tudo o que está na natureza está na arte" e promovendo, por isso mesmo, um regresso à vida, à verdade e aos sentimentos e emoções.

¹³ Schlegel, Friedrich. 1800. "Ideen". *Athenäum*. Jena, Ver nota 12 supra.

Poesia e filosofia eram "esferas e formas diferentes ou ainda factores de religião", religião que, para Schlegel, só mais tarde será a católica, mas que, em Chateaubriand¹⁴, bem conhecido de Herculano, desde há muito se identificava com o catolicismo, porque, em sua opinião, reunia as virtualidades estéticas que melhor se adequavam às necessidades do indivíduo. Pertencia ainda ao autor francês o modelo mais conhecido do romance-poema¹⁵, a expressão prática das ideias de Frederico Schlegel, quando afirmava que

A poesia quer e deve mesmo misturar, combinar poesia e prosa, genialidade e crítica, poesia de arte e poesia ingénua, tornando viva e social a poesia, poética a vida e a sociedade, poetizando a argúcia, preenchendo e saturando as formas de arte como o mais variado e puro material de cultura e animando-a com vibrações de humour¹⁶.

Mas Herculano, ao abandonar a poesia e enveredar definitivamente pelo romance e pela história, ficará cada vez mais ligado aos franceses, com destaque para Chateaubriand¹⁷, Vigny¹⁸, Hugo, Guizot e Thierry, como também ao escocês Walter Scott, cuja obra vinha sendo traduzida em Portugal a um ritmo invulgar, sinal da aceitação e das condições favoráveis, por parte do público português, para a recepção da nova literatura, por demais evidente nos cinco mil assinantes que alimentavam *O Panorama*, a revista fundada em Lisboa por Herculano, para a divulgação das ideias e criações românticas¹⁹.

¹⁴ Chateaubriand, François-René de. 1802. *Génie du Christianisme*. 5 vol.

¹⁵ Chateaubriand, François-René de. 1809. *Les Martyrs*. 2 vol.

¹⁶ Schlegel, Friedrich. 1798. "Fragmenten". *Athenäum*. Jena, Ver nota 12 supra.

¹⁷ François-René Chateaubriand (1768-1848) influenciou toda uma geração de românticos franceses, entre os quais cumpre destacar Victor Hugo (1802-1885) e o historiador Augustin Thierry (1795-1856)

¹⁸ O percurso da vida interior de Alfred de Vigny (1797-1863) tem muitos paralelos com os comportamentos do historiador português, e muitos dos seus personagens encontram reflexo nas figuras dramáticas da obra de Herculano. Verdadeiro pensador, Vigny tem uma vasta obra em que ressalta o sentimento da solidão, acompanhado pelo azedume de uma angústia amarga, e o amor cuja realização é sempre o sacrifício. No entanto, foram falhadas as suas incursões no romance histórico, nomeadamente em *Cinq-Mars* (1826), obra em que é flagrante o anacronismo da relação dos sentimentos descritos face aos respectivos personagens.

¹⁹ *O Panorama: Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, publicou-se entre 1837-1844, 1846-1847, 1853-1857 e 1866-1868, tendo sido dirigido por Herculano entre 6 de Maio de 1837 e 13 de Julho de 1839. De carácter enciclopédico, e dirigido a todas as classes

A sua arte ficcionista manifestar-se-á antes do fazer história, ou, melhor dizendo, à medida que faz a história, porque é no pequeno ou grande romance histórico que a sua ideia de liberdade, e de expressão total do eu, mais facilmente atinge os desideratos propostos pelo seu verve: a leitura global do homem, do seu retrato de corpo e alma, para além do político, do social ou do institucional. A totalidade da sua ficção histórica vem a lume entre 1837 e 1846, balizas que correspondem, respectivamente, à publicação d' *O Emprazado*²⁰ e d' *O Alcaide de Santarém*²¹, pequenos romances que serão reunidos em 1851, juntamente com outros, nas *Lendas e Narrativas*. Romances de maior fôlego e dimensão, como *O Bobo* e *Eurico o Presbítero*, foram igualmente publicados durante este período, o primeiro em 1843, n' *O Panorama*, e o segundo em 1844. Fora destes marcos apenas surge *O Monge de Cister*, publicado em 1848, mas que foi esboçado muito antes, inscrevendo-se igualmente na fase atrás referenciada, o que nos é atestado pelo próprio Alexandre Herculano em paratexto autorial:

A bagatela literária que hoje [1848] oferecemos ao público, escrita há oito ou nove anos, tinha ficado incompleta e esquecida quando, em 1840, circunstâncias que não importa narrar aqui baldearam o autor no charco da vida pública. [...]

E o Monge foi concluído, desbastado e lixado. Os contornos ficaram incorrectos por partes — por outras frouxos os músculos — confusos alguns lineamentos — rugosa a espaços a epiderme. O autor reconhece-o. No meio, porém, de estudos tediosos e positivos, é impossível que o imaginar não descobre, que o estilo não ganhe asperezas. O seu implacável destino chama-o de contínuo para as frases bárbaras dos pergaminhos amarelados e mofentos, e manda-o, novo Ashavero, caminhar, caminhar sempre! (O Monge de Cister, v. 2: 375 e 381-382: nota do autor de 1848).

Herculano sente-se cada vez mais amarrado ao que considera a sua grande missão, a elaboração de uma verdadeira história de Portugal, trabalho que pretende

sociais, *O Panorama* visava elevar a formação dos portugueses ao nível atingido por grande parte da Europa, desiderato comum à revista e à sociedade sua proprietária.

²⁰ [Herculano, Alexandre]. "O Emprazado: Crónica de Espanha (1312)". *O Panorama*. vol. 1, n.º 25 (1837). Publicado sem indicação do nome do autor.

²¹ Herculano, A. "O Alcaide de Santarém (950-961)". *A Ilustração: Jornal Universal*. vol. 1, n.º 1 (1845); vol. 1, n.º 11 e 12 (1846). Período em que a publicação d' *O Panorama* esteve interrompida; ver supra, nota 21.

cientificamente fundado. Vê-lo-emos mais à frente. Mas o fazer história, a escrita da história e o permanente contacto com "as frases bárbaras dos pergaminhos amarelados e mofentos" afastá-lo-ão do romance, ao qual, depois de 1848, só regressa para limar arestas nas reedições, "desbastando e lixando" ao sabor do tempo e da sensibilidade que com ele corre.

Herculano tem consciência do papel que lhe cabe em todo este processo, do seu pioneirismo em Portugal na introdução da nova arte literária, e disso nos vai lembrando em diferentes paratextos, sejam eles os peritextos com que veste cada uma das suas narrativas, ou alguns dos epitextos incluídos nos seus *Opúsculos*. Isso mesmo nos afirma, em 1851, na "Advertência da Primeira Edição" das *Lendas e Narrativas*, quando nos fala das "primeiras tentativas do romance histórico que se fizeram na língua portuguesa" e da qualidade que assiste aos pequenos romances nelas incluídos,

Monumentos dos esforços do autor para introduzir na literatura nacional um género amplamente cultivado nestes nossos tempos em todos os países da Europa [...]. Na história dos progressos literários de Portugal, desde que a liberdade política trouxe a liberdade do pensamento, e que o engenho pôde aparecer à luz do dia sem os anjinhos de uma censura tão absurda na sua índole, como estúpida na sua aplicação e esterilizadora nos seus efeitos; nessa história, dizemos, esta nova edição deve ser julgada principalmente com atenção ao seu motivo, à prioridade das composições nela insertas e à precisão em que, ao escrevê-las, o autor se via de criar a substância e a forma; porque para o seu trabalho faltavam absolutamente os modelos domésticos (Herculano, 1992, v. 1: 1-2; sublinhado nosso).

A ideia será repisada na "Advertência" à edição de 1858, como também o seu "clássico ademã da modéstia", reportando as imperfeições do estilo às insuficiências da juventude, mas ressoando antes a confirmação e adorno da sua precedência, arvorada em inspiração dos vindouros que acolhe, como discípulos, na sua escola:

A crítica para ser justa não há-de, porém, atender só às circunstâncias; há-de considerar, também, os resultados de tais tentativas, que, a princípio, é lícito supor inspiraram outras análogas, como por exemplo Os Irmãos Carvajales e O que Foram Portugueses do Sr. Mendes Leal, e gradualmente incitaram a maioria dos grandes talentos da nossa literatura a empreenderem composições análogas de mais largas dimensões e melhor delineadas e

vestidas. Todos conhecem o Arco de Sant' Ana, cujo último volume acaba de imprimir o primeiro poeta português deste século, o Um Ano na Corte do Sr. Corvo, cuja publicação se aproxima do seu termo, e o Ódio Velho não Cansa do Sr. Rebelo da Silva [...]. Enfim, O Conde de Castela do Sr. Oliveira Marreca, vasta concepção, posto que ainda incompleta, foi, porventura, inspirado pelo exemplo destas fracas tentativas e das que, em dimensões maiores, o autor empreendeu no Eurico e no Monge de Cister (Herculano, 1992, v. 1: 2-4)²².

E, para destacar o seu lugar na história da literatura portuguesa, Herculano retrata, em breves pinceladas, a realidade da novela barroca, de cariz sentimental e moralizante, apontando dois exemplos de obras bastante reeditadas e de êxito prolongado antes da sua chegada, entretanto postergadas para o baú das antiguidades. Mas não eram literatura, que essa criou-a ele, abrindo caminho, qual explorador aventureiro, a uma plêiade de novos talentos, entre os quais inclui Camilo Castelo Branco. Por fim, no que parece afloramento de alguma ciúmeira e de rivalidade encoberta, deixa o aviso aos que as novas modas literárias incensavam: atrás de mim virá quem me ultrapassará... se não em qualidade, pelo menos no gosto do público:

Quinze a vinte anos são decorridos desde que se deu um passo, bem que débil, decisivo, para quebrar as tradições do Alívio de Tristes [do P.^e Mateus Ribeiro] e do Feliz Independente [do P.^e Teodoro de Almeida], tiranos que reinavam sem émulos e sem conspirações na província do romance português. Nestes quinze ou vinte anos criou-se uma literatura, e pode dizer-se que

²² Herculano, apesar de ter escrito uma nova "Advertência" para a 2.^a edição (1858) das *Lendas e Narrativas*, manteve também a da 1.^a edição (1851). O aparecimento dos diferentes prefácios autoriais, naturalmente datados, pretende mostrar o reforço (é o caso) ou a evolução do pensamento do autor, em relação a um determinado problema. Esta prática foi seguida por Scott, Chateaubriand, Nodier e Victor Hugo. (Genette, 1987: 164).

A ideia da prioridade herculaniana, no que respeita à introdução do romance histórico em Portugal, repisada nestes dois prefácios, aparece-nos num outro paratexto de Herculano, numa nota autorial à narrativa *O Cronista: Viver e Crer de Outro Tempo (1535)*, publicada em 1839 n.^o *O Panorama*. Nesta nota, depois de incensar as narrativas de Walter Scott e Victor Hugo, afirma que "Não poderemos por certo dizer outro tanto das nossas, em tudo pequenas e pobres tentativas (as primeiras, todavia, que neste género se fazem em Portugal), mas se, como intentamos, publicarmos estas composições e outras semelhantes em volume separado, mostraremos quais foram os pensamentos que presidiram à concepção da criminosa *Abóbada*, e do desalmadíssimo *Mestre Gil*; e gente haverá, talvez, que ache esses pensamentos mais profundamente históricos que... etc.". (Herculano, 1992, v. 2: 305), sublinhado nosso: esta nota não aparece n.^o *O Bispo Negro*, narrativa retirada por Herculano d.^e *O Cronista* e publicada na sua edição das *Lendas e Narrativas*. Também aqui aparece o "clássico ademã da modéstia" de que nos fala Vitorino Nemésio no "Prefácio" que escreveu para esta obra (Herculano, 1992, v. 1: X).

não há ano que não lhe traga um progresso. Desde as Lendas e Narrativas até o livro Onde está a Felicidade? [Camilo Castelo Branco] que vasto espaço transposto!

E todavia, apesar do imenso talento que se revela nas mais recentes composições, quem sabe se entre os nomes que despontam apenas nos horizontes literários, não virá em breve algum que ofusque os que não deixaram para nós somente um bem modesto lugar?

Oxalá que assim seja. Os que nos venceram nesta luta gloriosa saberão resignar-se, como nós nos resignámos (Herculano, 1992, v. 1: 8, "Advertência da Segunda Edição" de 1858).

O que Herculano trouxe de novo à arte literária foram os grandes temas do romantismo, foi o culto da liberdade e do individualismo, capa que recobria o *eu* burguês e que está por detrás de todas as suas preocupações, sempre presentes na temática das suas obras. Podíamos resumi-las em duas palavras: Liberdade e Portugal.

No *Eurico*, título que quase recebeu o acrescento de "*o Último Poeta Godo*"²³, chegam-nos ecos dos irmãos Schlegel, de Chateaubriand, Hugo e Scott: dos dois primeiros quando nos fala "de poema em prosa"²⁴, de Scott quando finge "que não é um romance histórico, ao menos conforme o criou o modelo e a desesperação de todos os romancistas"²⁵. O *Eurico*, o romance mais acarinhado por Herculano, mesmo quando parece rejeitá-lo²⁶, e o que mais edições conheceu em vida do autor, encerra nas suas páginas dois profetas, poetas e sacerdotes também. Vestem essas roupagens o autor, nos paratextos, e o presbítero no texto. Eurico é o último poeta godo, Herculano o último romântico da tradição e dos valores ancestrais; ambos cantam a pátria em perigo e lutam por salvá-la, de armas na mão, sejam elas a espingarda do cerco do Porto ou a pena das polémicas na imprensa, contra o miguelismo ou os Cabrais, seja o franquique de Cangas de Onis ou os cânticos dos hinários de Carteia, contra os muçulmanos ou "*o fogo da desdita*". Ambos lutavam contra a dissolução social que rasgava e dissolvia a Pátria, mesmo sabendo que, "*se a todos se convertessem todos os membros em línguas, ainda assim não caberia*

²³ É Herculano que o afirma, na "Introdução" ao texto que intitula "Juncto ao Chryssus, XI" e que publica em 22 de Setembro de 1842, no n.º 1 da *Revista Universal Lisbonense*: "Os capítulos que vão aqui estampados pertencem a um episódio da conquista da Espanha pelos Árabes, intitulado: *Eurico o Presbítero, ou o Último Poeta Gôdo* [...]".

²⁴ *O Bobo*: 285, nota do autor à "Advertência".

²⁵ Id. ib.

²⁶ Veja-se, por exemplo, "o deletério e anti-social *Eurico*" (*O Monge de Cister*, v. 2: 381, nota autorial).

*nas forças humanas o narrar as ruínas de Espanha e os seus tão diversos e multiplicados males"*¹.

Mas esta mensagem de Herculano, e do seu romance, corresponde apenas a uma parte do seu testemunho. O romancista pretende chegar mais além, pretende ser o cronista do clero e da *"alma devorada pela solidão do sacerdócio"*², propõe-se denunciar o flagelo do celibato eclesiástico e a *"história das agonias íntimas geradas pela luta desta situação excepcional [...] com as tendências naturais do homem"*³. Põe-se em causa a norma canónica atentatória da liberdade individual, da livre escolha e da natureza humana, cujos pressupostos não encontram legitimação na filosofia romântica ou no cristianismo evangélico. A religião herculaniana é bíblica e plebiscitária, não se casa com a substituição, clerical e institucional, do *"templo de Cristo pela espelunca do rebatedor"*⁴. A denúncia dos gemidos da *"pobre vítima, quer voluntária, quer forçada ao sacrifício"* (*Eurico*: p. vi), arrancada que lhe fora meia alma, e negados *"os afectos mais puros e santos, os da família"* (*Idem*: p. iii), transporta-o ao amor e à mulher, porque *"dai às paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a máxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirai dele a mulher, e o mundo será um ermo melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio (idem: iv)"*.

O historicismo herculaniano, que perpassa em toda a sua produção historiográfica, está também presente no romance, parturejado a pensar nas implicações didácticas, na

¹ Código Visigótico, II, 1, 7. Epígrafe alógrafa no capítulo XI do *Eurico*.

² *Eurico*: v, "Prólogo". O "Prólogo" ao *Eurico* é um longo paratexto (p. iii-vii), todo ele virado para a questão do celibato eclesiástico.

³ *Idem*, *ibidem*. Paira por aqui o espírito do *Jocelyn* de Lamartine. É também provável que Herculano tivesse tido acesso à obra de José Manuel da Veiga – *Memoria sobre o celibato clerical que deve servir de fundamento a uma das theses dos Actos Grandes do seu autor*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822. IV-163 p. O autor, madeirense, foi um jurista de renome que abandonou os votos sacerdotais para poder casar. A obra, corajosa, teve impacto no mundo académico e acabou por ser proibida e confiscada.

⁴ *O Monge de Cister*, v. 1: X, prólogo.

doutrinação do público, na educação da alma nacional e na formação do novo cidadão capaz de dar corpo ao titubeante estado-nação de matriz burguesa e liberal⁵. Mas o novo encerra o antigo, e porque "*debaixo dos pés de cada geração que passa na terra dormem as cinzas de muitas gerações que a precederam*" (*O Monge de Cister*, v.1: V), deve o poeta, sacerdote da religião pátria, alvitrar os caminhos, lembrar o passado, criticar o presente e mostrar os trilhos do futuro, podando o tronco para novos rebentos, porquanto,

seja história ou novela o fruto dos trabalhos daquele que conversa o passado, que se apresse! [...] Que se apresse aquele que quiser guardar alguns fragmentos do passado para as saudades do futuro; porque a ilustração do vapor e do ateísmo social aí vai nivelando o que foi pelo que é, a glória pela infâmia, a fraternidade do amor e da Pátria pela fraternidade dos bandos civis, as memórias da história gigante do velho Portugal pelo areal plano e pálido da nossa história presente, a obra artística pelos Algarismos do orçamento, o templo de Cristo pela espelunca do rebatedor (*O Monge de Cister*, v. 1: IX-X).

Entretece-se, aqui, o tradicionalismo no liberalismo, recusando a diluição dos valores da grei rural na cidade industrial, no novo-riquismo burguês e no arranjismo político. A crítica de Herculano estende-se ainda aos abusos e depravações do clero, e é tanto mais verrinosa quanto o ultramontanismo o espicaça, ferindo-o na corda sensível do cientista social e do historiador, e levando-o a surripiar ao pó o manuscrito d' *O Monge de Cister*. E, nas gangas com que o vestiu, aguçou a adaga do seu anticlericalismo⁶, servido por humor demolidor e indigestões de "toucinho do céu".

Se procurarmos o fio condutor, que atravessa toda a ficção histórica de Herculano, descobrimo-lo na identificação das temáticas românticas e no indesatável regresso à Idade Média, tempo mítico fundador da nação moderna, e ainda na expressão das sociabilidades em que se pretende "predominem [...] as tradições cristãs e as tradições góticas que, partindo do Oriente e do Norte vieram encontrar-se e completar-se, em

⁵ É este o sentido do longo prólogo que Herculano escreve para *O Monge de Cister*, a começar pela epígrafe que o encabeça, colhida em Gaspar Estação – *Varias Antiguidades de Portugal*: "De vários livros, pergaminhos, e papéis ajuntei algumas cousas antigas, que estavam já postas de parte, conjecturando, que ordenadas e vestidas de novas cores podiam tornar à praça, e não parecer mal, como árvores de Outono com seu renovo". (*O Monge de Cister*, v. 1: V)

⁶ *O Monge de Cister*, v. 2: 360-373, "Adenda"; 375-384, "Nota".

relação à poesia da vida humana, no extremo Ocidente da Europa" (*Eurico*: 286; “notas” do autor).

No entanto, o que mais aflora na largueza dos paratextos, quase assumindo uma verdadeira obsessão, é o Herculano historiador, o cientista que alardeia as suas fontes, o seu método e as suas perplexidades, tudo sacrificando ao que "imaginava ser um grave e severo estudo, um serviço à terra natal, daqueles que se não pagam com títulos e condecorações, preço objecto de infâmias e da corrupção política" (*O Monge de Cister*, v. 2: 380).

Da ideia de História ao fazer História

Ao assumir, desde cedo, a missão romântica de refundar, histórica e culturalmente, a nação portuguesa, ressarcindo-a da decadência e dos desvios desnacionalizantes, Alexandre Herculano persegue esse desiderato, já o vincámos, através de um programa de acção pedagógica cujos instrumentos são a história e o romance histórico.

É provável que a vocação de historiador tenha precedido a de romancista, pelo menos de forma latente, alimentando-se com os frutos colhidos desde o curso de Diplomática, na Torre do Tombo, onde chegou a conhecer João Pedro Ribeiro e a respectiva obra, até aos contactos com bibliotecas e cartulários, no desempenho do lugar que ocupou na Biblioteca Pública do Porto, e, depois, na Real Biblioteca do Paço da Ajuda. Pelo caminho do exílio francês terá encontrado as obras de Guizot e Thierry, mas também dos historiadores alemães que, todos eles, lhe servirão de inspiração e paradigma. As páginas d' *O Panorama* mostram bem a importância que Alexandre Herculano atribui à história e às restantes ciências humanas e sociais, e atestam a sua preocupação pelas problemáticas globais, muito para além das possibilidades da ciência histórica da época, cujo cientismo quase não permitia ultrapassar o estudo do mundo político, mesmo que teoricamente se defendessem visões mais alargadas. Com efeito, se é

verdade que a historiografia romântica vai muito mais longe que a tradicionalista, não deixava de estar enleada na metodologia do cientismo oitocentista, extremada depois pelos positivistas, circunscrita às fontes escritas, operando com a muleta das chamadas ciências auxiliares da história e perseguindo o conhecimento da verdade objectiva do passado.

A história de Herculano irá ser, fundamentalmente, uma história política e institucional, e também social, no quadro dos meios fornecidos pela incipiente ciência sociológica da época. Para além destes continentes não se lhe abrem quaisquer horizontes, pelo menos no fazer história, outro tanto não acontecendo com as preocupações manifestadas que, com frequência, nos fazem lembrar as novidades trazidas à historiografia europeia pela *École des Annales*⁷ e pela *História Nova*. Referimo-nos aos novos continentes da história, abertos depois da Segunda Guerra Mundial, de que, a título de exemplo, podemos destacar a história cultural e das mentalidades ou a história da vida privada. E, a confirmá-lo, podemos ficar com as palavras do historiador, bem próximas da "sociedade dos homens" de que já Voltaire⁸ falava, quando rejeita o que mais tarde Lucien Febvre, um dos fundadores dos *Annales*, chamava a *histoire bataille* ou *histoire événementielle*, a história dos grandes homens que ignora todo o povo:

Nem sequer a biografia dos homens eminentes surgiu de tais averiguações. Temos a certidão do seu nascimento, baptismo, casamento e morte. Se foi um guerreiro, temos a descrição das suas batalhas; se legislador, a data e objecto das suas leis: mas o seu carácter, a medida intelectual e moral do seu espírito, os seus hábitos e costumes, os usos, todos os modos, enfim, de existir da época em que viveu, são desconhecidos para nós; e todavia tudo isso, toda essa existência complexa de muitos milhares de homens, a que se chama nação, devia ter uma influência imensa, absoluta naquela existência individual do homem ilustre, que o historiador

⁷ Corrente historiográfica inaugurada em França, em 1929, na sequência da fundação, em Estrasburgo, da revista *Annales d' Histoire Économique et Sociale*. Lucien Febvre e Marc Bloch foram os seus principais fundadores.

⁸ Voltaire. *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*. Paris: Ed. Sociales, 1962, p. 136.

*acreditou poder fazer-nos conhecer com os simples extractos de quatro crónicas, cosidos com bom ou mau estilo às respectivas certidões de baptismo, de casamento ou de óbito*⁹.

Cientificamente rigoroso, Herculano nunca fará história que não esteja suportada no texto dos documentos ou não caiba no discurso científico, mas saltará para a ficção, num esforço de globalização, quando necessita de respostas mais abrangentes para as interrogações que coloca ao passado, ou quando a sua intervenção cívica exige justificações de carácter ético ou estético. No entanto, o historiador está sempre presente no romance histórico, significando que a ficção também é entretecida nos documentos, que o fio condutor é, afinal, a verosimilhança objectiva da época em que o enredo, imaginado mas possível, se desenrola, e, por isso,

O romance histórico, como o concebeu Walter Scott só é possível aquém do oitavo – talvez só aquém do décimo século; porque só aquém dessa data a vida da família, o homem sinceramente homem, e não ensaiado e trajado para aparecer na praça pública, se nos vai pouco a pouco revelando (Eurico: 286-287, nota autorial à "Introdução").

Daí a insegurança em relação ao *Eurico*, "crónica-poema" mais que romance histórico, obrigando o autor a caminhar "por esta estrada duvidosa traçada em terreno movediço" (Idem: 285), estrada que levava ao espírito mítico dos tempos heróicos da portugalidade que, face às limitações das fontes, só a poesia podia entreabrir, poesia que, tal como a homérica, correspondia ao "transfundir o ideal no real — o aproximar o céu da terra, e elevar esta até ao céu" (Herculano, 1973: 102), porquanto,

Pretendendo fixar a acção que imaginei numa época de transição – a da morte do império gótico, e do nascimento das sociedades modernas da Península, tive de lutar com a dificuldade de descrever sucessos e de retratar homens que, se, por um lado, pertenciam a eras que nas recordações da Espanha tenho por análogas aos tempos heróicos da Grécia, precediam imediatamente, por outro, a época que, em rigor, podemos chamar histórica, ao menos em relação ao romance (Eurico: 285, nota autorial à "Introdução").

Por outro lado, a importância das fontes e dos documentos emerge em dezenas de paratextos que, quando são alógrafos, como as epígrafes dos capítulos, só muito

⁹ Herculano, Alexandre. "Cartas sobre a história de Portugal". *Opúsculos*, v. 5, p. 245. Este título de Alexandre Herculano é um hipertexto de Augustin Thierry: *Lettres sur l' Histoire de France*.

raramente saem fora do âmbito cronológico do enredo¹⁰, para além de mostrarem a competência técnica de quem os seleccionou, ou o conhecimento linguístico e filológico que cita a bibliografia mais actualizada, compara e discute opiniões, até optar pelo que, no seu entender, mais se ajusta à realidade tratada¹¹. Esta erudição alardeia um profundo conhecimento das fontes clássicas, medievais e modernas, publicadas em diferentes épocas e diversas línguas, parecendo confirmar a opinião de Vitorino Nemésio que põe Herculano a dominar o latim, o francês, o italiano, o alemão e o espanhol, e a ter alguns conhecimentos de grego clássico¹². As fontes e os documentos são, portanto, uma presença permanente nos romances herculanianos, e o autor não se cansa de o assinalar, como acontece n' *O Bobo* onde, peremptoriamente, afirma

*Fique dito por uma vez que todos os nomes que empregamos, cenas que descrevemos, costumes que pintamos, são rigorosamente históricos. Fácil nos fora sumir este romance em um plago de citações; mas falece-nos a fúria da erudição. E não seria ela ridícula no humilde historiador de um humilíssimo truão?*¹³

Mas a "fúria da erudição" não lhe falece, antes emerge na paratextualidade dos seus pequenos e grandes romances, na manifesta preocupação didáctica de muitos peritextos que descodificam conceitos históricos ou palavras das épocas em que as acções se desenvolvem.

No que se refere à noção de documento, Herculano não se circunscreve às fontes escritas, considerando igualmente todo o património construído, razão de sobra a justificar o libelo acusador, endereçado ao novo-riquismo de uma burguesia inculta e insensível, compradora dos bens nacionais e responsável pela destruição de monumentos e antigos conventos, dificultando o trabalho do historiador e transformando esses

¹⁰ Vejam-se as epígrafes dos capítulos do *Eurico* ou d' *O Monge de Cister*.

¹¹ Ver, por exemplo, as notas autorais aos cap. II (p. 288), IV (p. 290), VI (p. 291), VIII (p. 292), IX (p. 292-294), XII (p. 295), XIII (p. 296), XIV (p. 297), XV (p. 297), XVII (p. 298) do *Eurico*, as diferentes notas ao "Mestre Gil" (p. 203, 205, 208, 221, 224 e 228), a nota "espera" (p. 249) em "Três meses em Calecut" ou "crenchas" (p. 297), estas últimas no segundo volume das *Lendas e Narrativas*.

¹² Nemésio, 1978, v. 1: 152-176; 324 e passim.

¹³ *O Bobo*: 38, nota autorial. Nota de teor idêntico aparece-nos no cap. 4 de *Arras por Foro de Espanha*: "Para não enfadarmos os leitores com um sem número de notas, declaramos por uma vez que todos os costumes e objectos que descrevemos são exactos e da época, porque para tais descrições nos fundamos sempre em documentos ou monumentos" (Herculano, 1992, v. 1: 105).

testemunhos do passado e da alma portuguesa em "folhas rasgadas de um livro precioso e único" (*O Monge de Cister*, v. 1: VIII). Por isso, se o historiador

fosse rico, iria comprar a capelinha, iria comprar o pardieiro onde houvesse ombreira gótica: os homens do progresso vender-me-iam isso tudo, porque havia de enganá-los; porque havia de prometer-lhes que converteria aquela em lupanar, este em casa de câmbio. Depois, eu, que já não tenho pai para afagar os tédios e dores da decrepidez, tomaria a meu cargo essas pobres ruínas, ampará-las-ia como um filho, livrá-las-ia dos olhos dos que hoje tudo podem e tudo ousam, e como os cristãos primitivos só a seus irmãos revelavam a existência do altar das catacumbas, assim, neste quinto império de mentecaptos dissertadores e metediços, só aos poetas, aos que ainda crêem na arte e em Deus revelaria a existência do meu tesouro escondido (*O Monge de Cister*, v. 1: XI).

À valorização das fontes acrescenta a preocupação pela verdade, a obrigação que assiste ao cientista de separar o trigo do joio, a história da lenda, pois a verdade sobrepuja todos os outros valores:

Nas mil tradições diversas, quer antigas, quer inventadas em tempos mais modernos, sobre o modo como se constituiu a monarquia das Astúrias procurei cingir-me, ao menos no desenho geral, ao que passa por mais proximamente histórico (Eurico: 298, nota autorial).

Aqui radica o seu ataque cerrado a todas as reacções negativas à sua verdade histórica, provenham elas do ultramontanismo ou do tradicionalismo católico, flagelando com ironia demolidora os que contrapõem a lenda ao seu honesto labor de historiador, e não poupando a historiografia alcobacense que, nos finais do século XVI, forjou documentos e inventou toda a espécie de patranhas, ou contribuiu para a legitimação erudita de velhos mitos populares. É esta a realidade a que Herculano se refere na "Adenda" ao *Monge de Cister*, quando, com fina e feroz ironia, imaginava a estória das origens do romance:

Numa folha deixada em branco no fim do códice pergamináceo que nos conservou esta história havia vários parágrafos de letra mais moderna, contendo notícias de algumas das personagens que figuraram nos acontecimentos até aqui relatados, personagens cujo ulterior destino o cronista antigo deixara de pôr em escritura. A letra parecia dos últimos anos do século XVI, quando os adeptos da escola de Brito e Lousada tomavam por seu desafio o povoar de

patranhas as solidões do passado. O moderno dos caracteres e a época embusteira em que essas adições haviam sido acrescentadas tornavam assaz duvidosa a sua autenticidade. Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exacção histórica, hesitávamos perplexos, como o asno de Buridan entre as duas taleigas de cevada. Enfim, resolvemo-nos a publicar em substância o conteúdo dos suspeitos parágrafos, com o protesto de que não respondemos pela sua veracidade¹⁴.

O recado e a denúncia apareciam em 1848, na sequência da campanha que contra ele foi movida, após a publicação do primeiro volume da sua *História de Portugal*, na qual desmistificava o "milagre de Ourique" e provava a falsidade das actas das pseudo-Cortes de Lamego, mas, já em 1846, adivinhava o chorrilho de frechadas que não tardariam a ser disparadas:

Averiguar qual foi a existência das gerações que passaram, eis o mister da história. O seu fim é a verdade.[...]. Nas doutrinas de opinião talvez sejam lícitas as concessões: nas matérias de factos seriam absurdas. A verdade histórica é uma. [...]

É, sem dúvida, custoso ver desfazerem-se em fumo crenças arreigadas por séculos, a cuja inspiração nossos avós deveram, em parte, o esforço e a confiança na providência em meio dos grandes riscos da pátria; crenças inventadas, talvez, para espertar os ânimos abatidos em circunstâncias dificultosas. Sei isso; mas também sei, que a ciência da história caminha na Europa com passos ao mesmo tempo firmes e rápidos, e que se não tivermos o generoso ânimo de dizermos a nós próprios a verdade, os estranhos no-la virão dizer com mais cruel franqueza. [...]

Conto com as refutações — conto, até, com as injúrias. [...] A discussão entre nós fora impossível; porque seguimos caminhos diversos. Eles tratam a história como uma questão de partido literário; eu apenas a considero como matéria de ciência (Herculano, História de Portugal: "Advertência" da 1.^a ed., 1846).

¹⁴ *O Monge de Cister*, v. 2: 360-361. Por vezes a exprobração não chega a saltar fora do texto, exprime-se nele como um aparte, interrompendo a narrativa, mas continuando a efabulação: "Esta é, em breve resumo, a história de David Ouguet, tirada de uma velha crónica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaça encadernada em um volume juntamente com os traslados autênticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Afonso Henriques sobre a aparição de Cristo, da Carta de feudo a Claraval, das Histórias de Laimundo e Beroso [efabulações e apócrifos de Frei Bernardo de Brito], e de mais alguns papeis de igual veracidade e importância que, por pirraça às nossas glórias, provavelmente os Castelhanos nos levaram durante a dominação dos Filipes." (Herculano, 1992, v. 1: 219, cap. 2 d' *A Abóbada*).

Não lhe perdoaram, nem levaram em consideração o esforço e o "silêncio literário raras vezes interrompido" (*O Monge de Cister*, v. 2: 376) durante mais de três anos, até que

Quando supôs que era tempo de provocar o julgamento dos esforços que fizera, disse ao seu país:— "Eis aqui um modesto espécimen do método que eu creio dever seguir-se ao escrever a tua história" (id. ib.).

Herculano não relevará a injustiça nem a incompreensão, e a pena, acerada pela polémica, arremeterá de novo, desgovernada, agreste e incisiva:

Foi, porém, então que os seus ombros tiveram de vergar sob o peso da cruz que tomara. Voz em grita, a ciência infusa começou a bradar — escândalo! — blasfêmia! — atentado! — Chiava, grasnava, piava, vociferava. O pobre crucíferário parou, e pôs-se a escutar aquela matinada e revolta. Acusavam-no, caluniavam-no santamente, chamavam-lhe maniqueu, iconoclasta, luterano; proclamavam-no traidor à pátria. Os mais zelosos (e, cumpre confessá-lo, os mais corteses e honestos) pegaram na pena e provaram-lhe até à evidência que a arte histórica não consistia no que ele pensava; consistia em cerzir algumas lendas de velhas com as narrativas sensaboronas de meia dúzia de in-fólios, rabiscados por quatro frades milagreiros, tolos ou velhacos (O Monge de Cister, v. 2: 376-377).

E porque o público da novela era bem mais alargado que o da história, Alexandre Herculano recorria aos paratextos para influenciar e trazer à sua causa um maior número de leitores. A estratégia ressalta no teor da extensa nota com que encerra *O Monge de Cister*, onde discorre longamente sobre o ofício de historiador, sobre os árduos trabalhos da heurística e da hermenêutica e acerca das competências exigidas pela diplomática e pela paleografia, mostrando a complexidade dos jogos e artes intelectuais com que se alinhavavam todos esses elementos e o obrigavam, qual *Ashaverus*, o "Judeu Errante", a calcorrear uma imensidão de caminhos:

O seu implacável destino chama-o de contínuo para as frases bárbaras dos pergaminhos amarelados e mofentos, e manda-o, novo Ashavero, caminhar, caminhar sempre! Ah, que, se acaso suas reverências suspeitassem, ao menos, que bichos roedores da existência são um volume de inquirições, um foral, uns costumes, uma postura, uma pancarta, uma bula, um cartulário, haviam de ter dó da lazeira física e espiritual a que tem chegado o autor. [...]

Perder a paciência e a vista sobre os gastos e difíceis caracteres dos documentos; devorar páginas insulsas e não raro inúteis, de bacamartões pesados; afuroar crônicas; ter de apurar muitas vezes de centenas de sucessos contraditórios, e na aparência indiferentes, os sucessos capitais da história (da história ímpia, luterana, antipatriótica) e a índole da sociedade nascente; envelhecer antes de tempo pela contenção do espírito em comparar, conjecturar, deduzir (O Monge de Cister, v. 2: 381-383).

O velho tradicionalismo português, arreigado à mitificação renascentista da história de Portugal, via com maus olhos o contributo do tradicionalista Herculano que, prisioneiro da tese do ermamento total¹⁵ e do historicismo burguês de matriz romântica, valorizador do medievalismo, retirava mil anos ao processo histórico da fundação da nacionalidade. Este apego à Idade Média, e ao que ela significava para o Romantismo, foi omnipresente em Alexandre Herculano. A sua *História de Portugal* quedou-se pelo reinado de Afonso III, na conquista do Algarve, terminou com a aquisição do território, um dos elementos constitutivos da nação. Apesar das incursões em épocas posteriores, como acontece na *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, autêntico libelo contra os descaminhos do cristianismo evangélico, é no período medievo que o historiador se revê, porque lá encontra as raízes do seu historicismo. O período seguinte, que vê estruturar-se o absolutismo, já não colhe os seus favores e é, frequentemente, objecto do seu polemismo. Com efeito, se regressarmos à "Adenda" que escreveu para *O Monge de Cister*, lá encontraremos os tratos de polé a que sujeita João das Regras, figura tão cara a Fernão Lopes, mas que Herculano reduz à condição de coveiro das instituições medievais, arvorando-o representante da classe dos letrados, dos especialistas em direito romano que auxiliaram os reis na construção do Estado absoluto,

¹⁵ A tese do "ermamento total" funda-se numa leitura literal das velhas crônicas neogodas, defendendo que, na sequência das razias levadas a cabo por Afonso I das Astúrias (739-757), toda a margem duriense teria ficado desabitada até às presúrias do século IX e correspondente repovoamento (reconquista de *Portucale*, em 868, por Vímara Peres, e de Coimbra, em 878, por Hermenegildo Guterres), no reinado de Afonso III (866-910). Daqui se partia para a tese que entroncava o nascimento de Portugal no velho condado Portucalense, nascido do repovoamento das presúrias de Afonso III, realidade político-cultural nova, desligada do passado local por mais de cem anos de ermamento. Esta tese é hoje rejeitada por quase todos os historiadores, na sequência dos trabalhos de Alberto Sampaio, dos estudos, para a região de Braga de Avelino Jesus da Costa, ou das *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas* de A. de Almeida Fernandes.

erigido sobre o lento sepultamento das liberdades municipais e da autarcia da grei medieval:

E o doutor Johannes a Regulis? O doutor Johannes a Regulis, apesar da sua tosse caquética, viveu ainda, como o abade, por bastantes anos, modesta e resignadamente abraçado com a cruz do supremo poder, deixando por seu monumento assentados até à flor da terra os alicerces do absolutismo, edifício majestoso a que, um século depois, D. João II punha os telhados (O Monge de Cister, v. 2: 363).

Esta ideia da fundação medieval da nação portuguesa expressa-se claramente na "Introdução" d' *O Bobo*, verdadeiro paratexto, embora, na estrutura da obra, corresponda ao primeiro capítulo. São aqui evidentes os paralelismos que Herculano procura traçar, entre a fundação da nação medieval do duodécimo século e a da nação burguesa de Oitocentos. Há, em ambos os casos, passos titubeantes, mesclados de lutas civis que o historiador identifica com as manifestações do individualismo, a emergir nas conturbações opressivas com que o "poder público" o queria apagar. Mas, lá atrás, os corações eram mais puros, não imperavam os interesses das castas políticas, o individualismo era mais são e mais forte, e os problemas, quando surgiam, apenas reverberavam a incapacidade dos reis:

Quando as mãos que retinham o ceptro eram frouxas ou inabilmente violentas, as perturbações tornavam-se não só possíveis, mas, até, fáceis. A febre da anarquia podia ser ardente: o que não havia era a anarquia crónica, a anarquia organizada (O Bobo: 8).

Mas Herculano acreditava no fim desta "anarquia crónica", acreditava no passado e no seu exemplo, como também, apesar de todos os recuos, num futuro que não se revia no presente. A sua visão historicista atribuía uma missão a Portugal, missão que fora cumprida quando, no passado, o povo português cavalgou "no dorso das vagas" e conquistou "para o cristianismo e para a civilização três partes do mundo":

Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e de renome, que nos resta senão o passado? Lá temos os tesouros dos nossos afectos e contentamentos. Sejam as memórias da pátria, que tivemos, o anjo de Deus que nos reboque à energia social e aos santos afectos da nacionalidade. Que todos aqueles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da história se dediquem a ela. No meio de uma nação

decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime (O Bobo: 13).

Fazendo lembrar os *ricorsi* de Vico, e parecendo identificar o cristianismo com uma história ideal, Alexandre Herculano parece reconhecer, na história do povo português, ciclos de crescimento e de decadência, à maneira de Vico e de Herder, filósofos da história que renega noutro lado¹⁶. Ele acredita num *ricorso* viquiano, porque acredita nas potencialidades do povo e na capacidade da arte para o influenciar:

E a arte? Que a arte em todas as suas formas externas represente este nobre pensamento; que o drama, o poema, o romance sejam sempre um eco das eras poéticas da nossa terra. Que o povo encontre em tudo e por toda a parte o grande vulto dos seus antepassados. Ser-lhe-á amarga a comparação. Mas como ao inocentinho infante da Jerusalém Libertada, homens da arte, aspergi de suave licor a borda da taça onde está o remédio que pode salvá-lo (O Bobo: 13-14).

Conclusão

O historicismo de Herculano, presente em toda a sua obra literária, pretende, como diria Nadel, explicar o que acontece "em função do momento em que acontece"¹⁷. Daí a extrema preocupação do historiador em mergulhar de corpo inteiro nas épocas estudadas, procurando surpreendê-las em toda a sua dimensão, e isso mesmo nos dizendo, quando afirmava que não cabia

numa nota o fazer sentir esse não sei quê de majestade escultural que conserva sempre a raça visigótica, por mais que tentemos galvanizá-la, nem o contrapor-lhe as gerações, nascidas durante a reacção contra o islamismo, que surgem e agitam-se e vivem quando lhes aplicamos a corrente eléctrica e misteriosa que, partindo da imaginação, vai despertar os tempos que foram, do seu calado sepulcro.

¹⁶ Por exemplo, na carta que escreve a Oliveira Martins, datada de 25 de Dezembro de 1872: "É certo que com a propagação dos estudos históricos sérios começou logo a *filosofia da história*, género de romance impertinente em que Vico e Herder têm tido sobejos imitadores. Porque não hão-de os socialistas fazer também os seus romances deste género?" (*Cartas* v. 1: 228).

¹⁷ Nadel, G. H. 1964. "Philosophy of history before historicism". *History and Theory: Studies in the Philosophy of History*. V. 3, n.º 3, p. 291.

Desta diferença, que é mais fácil sentir que definir, nasce a necessidade de estabelecer uma distinção nas formas literárias aplicadas às diversas épocas da antiga Espanha, a romano-germânica, e a moderna (Eurico: 286).

A história, como o paradigma oitocentista a percebia e fabricava, não permitia a Herculano agarrar esse homem total que perseguia, não lhe fornecia a paleta e a policromia para "pintar os homens" (Eurico: 298) como ele os queria retratados, participando na família e na sociedade, experimentando emoções e paixões. Por isso as interrogações suscitadas pelos documentos compulsados eram resolvidas na ficção, para "popularizar o estudo daquela parte da vida pública e privada dos séculos semibárbaros que não cabe no quadro da história social e política" (Herculano, 1992, v. 1: 4), mas "que, num romance, nós damos como reais, porque aí é lícito fazê-lo" (idem, v. 1: 178), sem que isso signifique trair a "verdade" das fontes. O que verdadeiramente Herculano buscava era o "espírito dos séculos", era

desentranhar do esquecimento a poesia nacional e popular dos nossos maiores: [pois] trabalhamos por ser historiadores da vida íntima de uma grande e nobre, e generosa nação, que houve no mundo, chamada nação portuguesa, a qual ou já não vive, ou se vive, já nem ao menos tem esforço, ou virtude para morrer sem infâmia (idem, v. 2: 304).

E o historiador não foge à verdade, não escreve romance, escreve romance histórico, crónica-romance, guardando para a crónica a "coisa essencial", a verdade dos factos, e para o romance o "vestuário" com que enfeita a história (ibidem). Perante tais premissas, não estranhemos que

Vá aqui mais uma humilde opinião nossa. Parece-nos que nesta coisa chamada hoje romance histórico há mais história do que nos graves e inteiriçados escritos dos historiadores. Dizem as pessoas entendidas que mais se conhecem as coisas escocesas lendo as Crónicas de Canongate, de Walter Scott, do que a sua História da Escócia. Também há quem diga que no mais grado quarteirão de histórias de França, escritas até o ano de 1800, não tinha aparecido ainda a época de Luís XI como apareceu depois de Notre Dame, de Victor Hugo (Idem, v. 2: 305).

Herculano não necessitaria hoje da muleta do romancista, já que os paradigmas da modernidade e da pós-modernidade responderiam aos seus anseios de historiador. Mas, entretanto, muita água correu sob as pontes, muitas ciências, humanas e sociais,

creceram e amadureceram, fornecendo ao cientista as alfaías com que trabalha o seu néctar. Perante as limitações da primeira metade de Oitocentos, compreende-se que novela e história correspondam aos dois instrumentos que servem o desiderato herculaniano: completam-se entre si, procurando a novela retratar a vida íntima dos homens, os recônditos do coração humano, cabendo à história urdir os fios da vida política e social. Terminemos com uma síntese do próprio Herculano, um epitexto aos seus romances históricos, verdadeiro dilema de Clio:

Novela, história, qual destas duas cousas é a mais verdadeira? Nenhuma, se o afirmarmos absolutamente de qualquer delas. Quando o carácter dos indivíduos ou das nações é suficientemente conhecido, quando os monumentos, as tradições e as crónicas desenharem esse carácter com pincel firme, o noveleiro pode ser mais verídico do que o historiador; porque está mais habituado a recompor o coração do que é morto pelo coração do que vive, o génio do povo que passou pelo do povo que passa. Então de um dito ou de muitos ditos ele deduz um pensamento ou muitos pensamentos, não reduzidos à lembrança positiva, não traduzidos, até, materialmente; de um facto ou de muitos factos deduz um afecto ou muitos afectos, que se não revelaram. Essa é a história íntima dos homens que já não são: esta é a novela do passado (O Panorama, v. 4, p. 243).

Bibliografia

Bandet, Jean-Louis. 1989. *A Literatura Alemã*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Burdeau, Georges. 1980. *O Liberalismo*. [Mem Martins]: Publicações Europa-América.

Carvalho, Joaquim Barradas de. 1971. *As ideias políticas e sociais de Alexandre Herculano*. Lisboa: Seara Nova,.

Carvalho, Joaquim Barradas de. 1976. *Da história-crónica à história-ciência*. Lisboa: Livros Horizonte.

Catroga, Fernando. 1982. "Ética e sociocracia: O exemplo de Herculano na geração de 70". *Studium Generale: Estudos Contemporâneos*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. N.º 4, p. 9-68.

Catroga, Fernando. 1993a. "Romantismo, literatura e história". *História de Portugal*. Dir. de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 5, p. 545-561.

Catroga, Fernando. 1993b. "Cientismo, política e anticlericalismo". *História de Portugal*. Dir. de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 5, p. 583-593.

Catroga, Fernando. 1996. "Alexandre Herculano e o historicismo romântico". *História da História em Portugal: Séculos XIX-XX*. Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 39-85.

Cidade, Hernâni. 1973. *Portugal histórico-cultural*. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 266-284.

Coelho, António Borges. 1983. *Questionar a História: Ensaio sobre a História de Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho. p. 227-265.

Evans, Ifor. 1980. *História da Literatura Inglesa*. Lisboa: Edições 70.

Ferreira, Alberto. 198?. *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa: Litexa Portugal.

Genette, Gérard. 1987. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil.

Goertz, Richard. 1988. "Romantic Vision: *Eurico o Presbítero* by Alexandre Herculano". *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa. 5ª Série, n.º 9, p. 47-51.

Herculano, A[lexandre]. *O Bobo (1128)*. 24ª ed. Venda Nova - Amadora: Livraria Bertrand, [S.d.]. VII-339 p. Edição definitiva conforme com as edições da vida do autor, dirigida por David Lopes. A 1ª publicação em volume data de 1878.

Herculano, A[lexandre]. *Cartas*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, [S.d.]. 2 vol. A 1ª edição data de 1911 (vol.1) e 1914 (vol.2).

Herculano, A[lexandre]. *Eurico o Presbítero*. Pref. de Vitorino Nemésio: História de um livro. 41ª ed. Venda Nova - Amadora: Livraria Bertrand.

Herculano, A[lexandre]. *O Monge de Cister ou A Época de D. João I*. 23ª ed. Amadora: Livraria Bertrand, [S.d.]. 2 vol.

Herculano, Alexandre. 1973. *Cenas de um ano da minha vida*. Lisboa: Livraria Bertrand.

Herculano, Alexandre. 1992. *Lendas e Narrativas*. Pref. e rev. de Vitorino Nemésio; verif. do texto e notas de António C. Lucas. 45ª ed. Venda Nova: Bertrand Editora. 2 vol.

Homem, Amadeu Carvalho. 1991. "O Liberalismo e a Democracia em Portugal: fundamentos teóricos e esboço de problematização". *Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Braga: Universidade do Minho. N.º 6, p. 21-31.

- Lanson, Gustave. 1946. *Histoire de la Littérature Française*. Paris: Librairie Hachette.
- Lecherbonnier, Bernard [et al.]. 1996. *Littérature XX^e siècle: Textes et documents*. [Paris]: Nathan.
- Lima, Jaime de Magalhães. 1910. *Alexandre Herculano*. Coimbra: F. França Amado.
- Lopes, Óscar. 1969. *Modo de Ler: Crítica e interpretação literária /2*. Porto: Editorial Inova. p. 211-227.
- Lourenço, Eduardo. 1988. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Macedo, Jorge Borges. 1980. *Alexandre Herculano: Polémica e mensagem*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Marinho, Maria de Fátima. 1992. "O romance histórico de Alexandre Herculano". *Revista da Faculdade de Letras do Porto / Línguas e Literaturas*. Porto: Universidade. 2^a série, vol. 9, p. 97-117.
- Nemésio, Vitorino. 196?. "Eurico: História de um livro". In HERCULANO, A. – *Eurico o Presbítero*. 41^a ed. Venda Nova - Amadora: Livraria Bertrand.
- Nemésio, Vitorino. 1978. *A Mocidade de Herculano: 1810-1832*. Amadora: Livraria Bertrand. 2 vol.
- Neto, Vítor. 1985. "Herculano: Política e sociedade". *Revista de História das Ideias*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Universidade. N.º 7, p. 647-669.
- Pageaux, Daniel-Henri. 1982. "Lamennais en Péninsule Ibérique: Notes sur la diffusion des idées mennaisiennes en Espagne et au Portugal (1834-1840)". *Utopie et Socialisme au Portugal au XIX^e siècle: Actes du Colloque, Paris, 10-13 Janvier 1979*. J. C. Seabra Pereira [et al.]. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais. p. 121-152.
- Pires, Maria Laura Bettencourt. 1979. *Walter Scott e o Romantismo Português*. Lisboa: Universidade Nova.
- Sá, Victor de. 1979. *A crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Saraiva, António José. 1996. *Iniciação na literatura portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- Saraiva, António José; Lopes, Óscar. 1996. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Seabra, José Augusto. 1994. *Poligrafias Poéticas: Ensaios*. Porto: Lello & Irmão.
- Sena, Jorge de. 1989. *Vinte e Sete Ensaios*. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 165-180.

Serrão, Joaquim Veríssimo. 1977. *Herculano e a consciência do Liberalismo Português*. Lisboa: Livraria Bertrand.

Verdelho, Telmo dos Santos. 1981. *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.